
Coutin e Manuelzin: algumas reflexões desentranhadas da correspondência entre Manuel Bandeira e Ribeiro Couto

José Almino de Alencar

Resumo

As cartas entre escritores fazem parte daquele acervo de documentos, à margem da obra acabada, que subsidiariam as análises nas quais se privilegia o ato de criação e o fazer literário. Seriam parte de uma arqueologia que procura reconstituir o ato de criação; que busca colocá-lo "em presença", vivo nas suas hesitações, dispersão e precariedade. Examinando o conjunto dessas 188 cartas entre os dois poetas e amigos, o artigo pretende "desentranhar" – para usar uma expressão cara a Bandeira – alguns elementos que possam servir para identificar as motivações e a situação intelectual dos correspondentes, como criadores ou como personagens da literatura e do seu tempo.

Palavras-chave: Manuel Bandeira, Ribeiro Couto, correspondência, modernismo.

Muitas são as razões para que nos interessemos pela correspondência entre escritores. Uma *carta* é quase sempre portadora de múltiplas significações. Para o pesquisador, ela deriva sentido e importância da densidade das ligações intelectuais e psicológicas implicadas e da qualidade do projeto comum que porventura engaje os que se escrevem.

Nas cartas poderíamos encontrar elementos que caracterizariam a historicidade dos textos, assim como eventuais traços, vestígios do processo criativo e do contexto psicossociológico em que este se processa. Fariam parte, portanto, daquele acervo de documentos, à margem da obra acabada, que subsidiariam as análises nas quais se privilegia o ato de criação e o fazer literário. Seriam parte de uma arqueologia que procura reconstituir o ato de criação; que busca colocá-lo "em presença", vivo nas suas hesitações, dispersão e precariedade. Ajudar-nos-iam a identificar as motivações, a situação intelectual dos correspondentes, como criadores ou como personagens da literatura e do seu tempo.

Como artefato de comunicação que são, as cartas obedecem a suas próprias regras, ditadas em parte pelos seus propósitos práticos mais imediatos e pelo ritual das relações sociais entre os correspondentes. Elas são informadas por um estilo, formando muitas vezes "gêneros" diferentes: cartas de amor, cartas de negócios, cartas entre amigos, confrades, etc. Adquirem um certo tom de escrita, que se combina com o falar da época, assim como recolhe os pedaços da realidade à volta.

Da época, ela é também um sinal, um testemunho, um registro da vida do escritor, do seu cotidiano e de suas sabenças, da sua vida comezinha, dos progressos dos seus trabalhos, das suas frustrações.

No entanto, uma carta é também um ato de representação, ou melhor, é um produto de criação, e como tal tem o *caráter de um mecanismo destinado a impressionar um público*;¹ inicialmente platéia de um só, mas não raramente já pressentida como o embrião de uma audiência maior quando viesse a posteridade dos seus autores. Guardadas com carinho, catalogadas e colecionadas pelos correspondentes, elas se constituem, muitas vezes, em verdadeiros arquivos desenhados para a preservação das respectivas memória e reputação.²

Se essas razões não bastassem para que estudássemos uma correspondência, haveria sempre o *interesse, digamos, malsão, pela petite histoire, ou seja, pelo diz-que-diz-que, pelo avesso da obra e de seu autor, [ao qual] vem somar-se o prazer dúbio do voyeur – este sim indubitável*.³

Para o estudioso da literatura brasileira, a correspondência entre Manuel Bandeira e Ribeiro Couto vem a ter um interesse particular, não somente pela dimensão intelectual dos dois escritores, mas também porque, entre outras características, esse conjunto de cartas constitui, sobretudo, um registro privilegiado de um período particularmente expressivo da nossa história cultural – o modernismo, e de uma amizade literária que se prolongou até o fim da vida.

Hoje em dia, a importância de Ribeiro Couto junto a um poeta da dimensão de Manuel Bandeira pode causar estranheza, sobretudo tendo em vista o relativo esquecimento em que se encontra a sua obra. No entanto é o próprio Bandeira que salienta o papel do amigo, por várias vezes, no seu *Itinerário de Pasárgada*⁴:

Mas voltando a Ribeiro Couto, foi por intermédio dele que tomei contato com a nova geração literária do Rio e de São Paulo, aqui com Ronald de Carvalho, Álvaro Moreira, Di Cavalcanti, em São Paulo com os dois Andrades, Mário e Oswald...⁵ Eu já estava bem preparado para receber de boa cara os desvairismos de Mário, porque Ribeiro Couto, grande farejador de novidades na literatura da Itália, da Espanha e da Hispano-América (correspondia-se com Alfonsina Storsi e outros argentinos) me emprestava os seus livros...⁶ A influência do homem Ribeiro Couto, muito saudável, e do poeta Ribeiro Couto com os seus amados simbolistas de segunda ordem – Samain, Jammes, etc. – veio juntar-se a de Mário de Andrade...⁷

A amizade entre os dois poetas começou em 1919 quando Ribeiro Couto lera o poema "Cartas de meu avô" e fora, por causa da admiração suscitada, apresentado a Manuel Bandeira por Afonso Lopes de Almeida⁸. Vinte e um anos depois, ele recepcionaria Bandeira na Academia Brasileira de Letras.

Os dois poetas dedicaram poemas um ao outro. No seu *Poemetos de Ternura e de Melancolia*, Ribeiro Couto apresenta "A canção de Manuel Bandeira"; em *Estrela da Tarde*, Manuel Bandeira publica uma "Elegia para Ribeiro Couto". Mantiveram-se próximos até a morte de Couto, em 1966.

No curso desses quase cinquenta anos, os dois amigos estiveram em cidades diferentes. Manuel Bandeira nunca se afastou do Rio de Janeiro. Ribeiro Couto, depois de alguns anos em que exerceu os cargos de delegado de polícia e promotor público em várias cidades serranas de Minas e São Paulo: Pouso Alto (MG), São Bento de Sapucaí (SP), Cunha (SP) e São José do Barreiro (SP)), embarca no fim de 1928 para Marselha, onde havia sido nomeado, pelo presidente Washington Luís, auxiliar extranumerário no consulado de Marselha⁹. Ali residiu até 1931, onde também exerceu o cargo de vice-cônsul honorário. Ingressando definitivamente na carreira diplomática em 1931, foi transferido para Paris, onde serviu como adido junto ao consulado geral. Em seguida, serviu em Haia e Lisboa, onde viveu até 1946. Elevado à categoria de embaixador em 1952, residiu em Belgrado até 1963, quando se aposentou aos 65 anos. Três anos mais tarde, faleceu em Paris.

Durante os anos 20 do século passado, no auge do movimento modernista, os dois poetas mantiveram intensa correspondência. Bandeira encontrava-se quase sempre no Rio e Couto nas várias cidades do interior paulista e mineiro, onde lhe obrigavam as suas funções de funcionário. Estas cartas estão na Fundação Casa de Rui Barbosa e foram reunidas por mim, em volume ainda inédito¹⁰. A correspondência endereçada a Couto foi melhor preservada: são 170 cartas de Bandeira e somente 18 cartas de Couto, entre 1919 e 1929.

Durante esse período, inicia-se e consolida-se a carreira literária de Ribeiro Couto e foram escritos ou publicados os dois volumes mais expressivos da poesia de Manuel Bandeira: *Poesias (A cinza das horas, carnaval e ritmo dissoluto)*, em 1924 e *Libertinagem*, com poemas de 1924 a 1930, publicado em 1930. Mais tarde, por ocasião das homenagens aos cinquenta anos do amigo [1936], Couto escreveria:

Fui o primeiro leitor de quase todos os poemas escritos depois do Carnaval [1919]. Antes quando residíamos na mesma cidade, depois à distância (que a correspondência constante e as alegres visitas anulavam), durante dez anos, pelo menos, não se passou semana sem que trocássemos essas impressões risonhas ou tristes, sempre leais e completas que o coração se purifica.

O gosto humilde: entre a pensão de D. Sara e o Bar Nacional

Camaradagem, intimidade e cumplicidade entre os poetas firmaram-se na convivência que estabeleceram em Santa Teresa. Em 1920, Manuel Bandeira muda-se da rua do Triunfo 37 – de onde envia a primeira carta ao amigo – para a rua do Curvelo, 51¹¹. Ribeiro Couto morava no número 43 da mesma rua, na pensão de D. Sara. Em *Itinerário de Pasárgada*¹², Bandeira nos informa que *D. Sara não fornecia comida nem aos seus hóspedes, mas Couto sempre foi homem de grande lábia e conseguiu convencer “a bondosa portuguesa” a abrir exceção em nosso favor*. Os dois amigos passam a conviver com frequência cotidiana.

A importância deste período em Santa Teresa na obra de Bandeira tem sido assinalada por outros¹³, que se valem, aliás, do testemunho do próprio poeta:

*A rua do Curvelo ensinou-me muitas coisas. Couto foi avisada testemunha disso e sabe que o elemento de humildade cotidiano que começou desde então a se fazer em minha poesia não resultava de nenhuma intenção modernista. Resultou, muito simplesmente, do ambiente do morro do Curvelo [...] o meu apartamento, o andar mais alto de um casarão quase em ruína, era, pelo lado dos fundos, posto de observação da pobreza mais dura e mais valente, e pelo lado da frente, ao nível da rua, zona de convívio com a garotada sem lei nem rei que infestava as minhas janelas, quebrando-lhes às vezes as vidraças, mas restituindo-me de certo modo o meu clima de meninice na rua da União em Pernambuco*¹⁴.

Foi na rua do Curvelo onde Bandeira escreveu a “Evocação do Recife”, do qual dá notícia neste trecho de uma carta a Ribeiro Couto, escrita provavelmente entre janeiro e março de 1925:

*Mando-lhe os versos que fiz a pedido do Gilberto Freyre, pernambucano inteligentíssimo do Recife, para o álbum comemorativo do centenário do Diário de Pernambuco*¹⁵ (o jornal mais antigo da América do Sul. Mas há um jornal do Chile que disputa o título...).

*Saudades a você e lembranças a Menina*¹⁶.

Davi Arrigucci observa que esses anos de irradiação intensa do movimento modernista, narrados em o *Itinerário, foram os que assistiram à formação do estilo humilde do poeta maduro, forjado para dizer o sublime através do simples*¹⁷. Bandeira viria a desenvolver uma empatia ativa, militante pelo mundo ordinário, pelo cotidiano, pelas surpresas contidas na fala brasileira, utilizando os recursos de construção poéticas os mais variados e os materiais mais diversos, [reconhecendo] a poesia em tudo, podendo repontar onde menos se espera e fazendo do poeta o ser capaz de desentranhá-la no mundo¹⁸. Esta atitude contamina também a correspondência com o amigo: nada mais natural, e mais fácil, do que compartilhar esses objetos extraídos por uma revelação da sensibilidade¹⁹, com esse leitor privilegiado, testemunha e cúmplice daqueles ambientes – colega da pensão de D. Sara que fora e companheiro de noites na Lapa: *a casa e o quarto; a rua e o bar: espaços permeáveis da experiência modernista*²⁰. Neste sentido, são expressivos os dois trechos abaixo, em que se trata do Bar Nacional e da pensão de D. Sara, respectivamente. O primeiro:

Entrei no Bar Nacional onde fiquei bebendo com Dodô e uma turma de que fazia parte a Leda Rios. A meia-noite, na hora dos brindes, há um pega de bofetões entre Dodô e um moreninho valente chamado Ubirajara, camarada de Dodô: Madeira dois FF derramado, o tempo fechou, todo o mundo querendo brigar, uns bêbados em êxtase entrando no meio dos pescoções com a taça na mão propondo a saúde do ano novo, guarda-civil em penca separando gente, o gerente do bar ativíssimo resolvendo amigavelmente as coisas, e eu atento a tudo, calmo, encantado com a mocidade daqueles sujeitos que sentiam uma necessidade absoluta de brigar e de apanhar pra fazer alguma coisa mais que beber apenas.

(Carta de Manuel Bandeira a Ribeiro Couto: Rio de Janeiro, 2 de janeiro de 1928.)

O segundo:

Escrevo-lhe da cama, com febre, uma gripe safada. O tempo aqui esteve safadíssimo. Felizmente o sol rompeu hoje.

Uma de D. Sara: Quando era noiva do Manuel, um alemão, hóspede da tia, quis casar-se com ela e falou-lhe nesse sentido. D. Sara desenganou-o. O alemão pergunta-lhe: “– Mas a senhorita não gosta de mim?”

E D. Sara: – “Gosto, sim; mas é d’sint’r’ssadamente”.

[Carta de Manuel Bandeira a Ribeiro Couto: Rio de Janeiro, 2 de [junho ou julho] de 1923.)

As vezes, o objet trouvé, traduzia-se imediatamente em poema:

Tenho passado um mês divertido com o Gilberto²¹: é um companheiro excelente porque é meio fraquinho como eu, discretíssimo, e dá uma perna ao diabo pra debochar os outros. Nós levamos uma vida surrealística de mistificações.

Esta manhã ele me contou um episódio onde eu descobri incontinenti o self-made poem. La vai:

Apresentação

*Na sala da redação do grande matutino
O redator-secretário fez a apresentação:
"Fulano, uma glória nacional:
"Sicrano, esperança do norte."*

*A esperança do norte não disse nada.
A glória nacional também.²²*

(Carta de Manuel Bandeira a Ribeiro Couto: Rio de Janeiro, 10 de janeiro de 1928.)

Tudo em volta – ou melhor, o modernismo – incentivava o registro do imediato, uma narrativa às vezes propositadamente naive e enfaticamente parodística que os dois amigos se enviavam um ao outro, como pequenos petardos literários. Tal como nessa carta de Bandeira, de 17 de dezembro 1926:

COUTO CUIDADO COM OS MITÔMANOS! Nós estamos cercados de mitômanos!! Pelo menos assim o diz Galeão Coutinho²³. Há mitômanos no jornalismo, na política, na literatura. ELES PENETRAM ATÉ EM NOSSAS CASAS!!! É horrível. Antero²⁴ é mitômano. Paim é mitômano. Zeca Patrocínio²⁵ é mitômano.

Mot de la fin: A novela do Galeão não se chama mais A dançarina dos mil semblantes. Vai sair com o título..... Envenenadas de amor!

M.

É o que observamos também na primeira carta enviada da Europa por Ribeiro Couto (26 de dezembro de 1928):

Ribeiro Couto tem sempre na alma o Brasil, o Rio ou Pouso Alto, mas o Brasil, esse mundo indestrutível de afeições e de hábitos, de atividades e de esperanças, em que a nossa existência se resume aí.

Não pense que tenho os olhos bestamente fechados à beleza do corpo de que estou fruindo... Isto é um grande país, de uma grande beleza e uma grande civilização!

Mas o Alpedrinha mora no fundo de mim. Em Alexandria, encontrando o Rapozão por um maravilhoso acaso, Alpedrinha quer só saber notícias da política. Ele tinha os ossos no Egito mas a saudade em Portugal!²⁶

Manuelzinho., não pretendo sair da Europa antes de falar correntemente quatro idiomas e de ter visto os principais países civilizados.

Entre amigos

Durante a década de 20, período anterior à telefonia interurbana, quando a vida literária, antes concentrada quase que exclusivamente

na Corte, começava a tomar formas significativas em outros centros urbanos, os modernos vão construir uma vasta teia de correspondência. Através dela circulam os manuscritos e suas respectivas correções, opiniões estéticas, sugestões bibliográficas, colaborações para revistas, conspirações para a publicidade de livros e personagens, intrigas, suspiros e queixas.

Nesse mar de cartas destaca-se a presença de Mário de Andrade que vai fazer da correspondência um instrumento ativo e consciente da militância literária, exercendo um papel múltiplo de agitador, doutrinador, incentivador e pedagogo.

Em várias partes da correspondência entre Bandeira e Couto, paira a sombra da correspondência entre Mário de Andrade e Bandeira, o reflexo das diferenças e das aproximações entre os dois amigos, do embate entre as intolerâncias, as inseguranças de Mário e o temperamento mais conciliador e sereno de Bandeira. Às vezes, uma observação, uma provocação formulada por Mário, dirigida a Bandeira, era respondida por esse último, indiretamente, em carta a Ribeiro Couto, sem mais nem menos, como se o espaço epistolográfico entre os três escritores fosse o mesmo, como se eles estivessem mantendo a mesma discussão simultaneamente.

É bem verdade que Mário implicava com Ribeiro Couto a quem achava por vezes leviano, superficial e "irritante":

*Não tem sujeito que consegue me irritar mais, o Couto me desespera...É o pior crítico do mundo, quando critica alguém na verdade se observa a si mesmo. Diz que gosta de Paulicéia mas o gosto que tem por Paulicéia me irrita. Não compreendeu absolutamente o meu livro. O que o comove lá dentro são uns detalhes ocasionais, umas notinhas rápidas, umas pequenices de cor local de observação de psicologia pequenininha, rolas da Normal, garoa, ora sebo! Nunca neguei o valor dessas coisas de vida cotidiana você sabe bem disso, uma menina de Escola Normal é uma coisa tão enorme! Tão enorme, não, é uma coisa tão comovente, nem isso, é uma coisa que também pode ser objeto de lirismo e estupendo mas fazer disso a única possibilidade de lirismo me parece duma curteza de sensibilidade enorme. O Couto é assim. É a sensibilidade mais curta que eu conheço...É um pãndego delicioso, a delícia da pimenta que arde, é ruim mas a gente continua comendo pimenta. Isso: o Ribeiro Couto me parece mais uma especiaria do que um alimento, que você me diz dessa observação?*²⁷

Não há um só gesto significativo em mim que não seja uma atitude destinada, um ato consciente de vontade²⁸, dizia Mário de Andrade em carta (naturalmente) dirigida a Sousa da Silveira, em 15 de fevereiro de 1935. Era como um traço da sua personalidade, uma marca da sua pessoa, que assim fosse. Alguns anos atrás, ele havia escrito a João Alphonsus, no mesmo tom e com propósito semelhante: *Poesia é a meu ver uma organização consciente de lirismo subconsciente*²⁹. A irritação³⁰ para com Ribeiro Couto é a expressão do seu horror às manifestações "espontâneas" do lirismo sentimental fazendo um uso piegas, acrítico, talvez mesmo demagógico, do que havia de pitoresco no dia a dia

brasileiro, ignorando a "organização consciente" da matéria poética, que somente ela poderia emprestar sentido e consistência artística a essa matéria.

Em carta a Ribeiro Couto³¹, Bandeira reage a esses ímpetos doutrinários de Mário com bonomia e uma certa dose de provocação:

Não concordo com o Mário no preconceito de novidade: posso encontrar poesia em lugar-comum sentimental. Dai gostar de coisas suas que ele acha sem importância. Posso eu achar também sem importância e no entanto gostar. Você é justamente um desses poetas que chateiam os outros com coisas sem importância. Creio que você entende bem o sentido em que emprego a expressão "coisa sem importância". Digo isso porque o Mário faz diferença entre coisa sem importância com interesse artístico e coisa sem importância mesmo. Pois pode me suceder que eu goste e me comova com a "coisa sem importância mesmo".

Mais adiante, em outra carta³², Bandeira revela, em tom desabusado, o seu desinteresse pela especulação estética; e, ao mesmo tempo que tenta desencorajar o amigo nas suas aventuras teorizantes, manifesta o seu acordo com Mário no que diz respeito à função da composição na elaboração da poesia:

Ribeirinho.

Pelo que vejo (carta de 20) você agora é do golpe da estética. Eu acho a estética uma coisa arriscadíssima porque os dados são falhos, a matéria imponderável... Naturalmente tudo o que se constrói sobre essa base é molto leggero, troppo leggero...

[...] para você arte é criação emotiva. Estou de acordo. Imediatamente a seguir vem: "Que é que eu procuro, lendo? Gozo da inteligência". Ora, quando eu leio um capítulo de física, procuro também gozo da inteligência e o consigo. Física não é arte. Logo, por você encontrar gozo da inteligência numa carta não pode dizer que carta é arte. Poderá sê-lo quando houver "criação emotiva". Um capítulo de física pode gerar emoção mas esta será de caráter científico. Há uma emoção específica própria da arte e ela deriva da criação ou recriação de vida.

As cartas que você tanto aprecia e chama substanciosas são aquelas em que não há composição, em que a inteligência crítica intervém pouco. Em literatura quer-se mais composição, mais crítica. Você aprecia muito as minhas cartas, mas toda vez que eu apliquei o processo epistolar a poemas ou artigos desagradei a você. [...]. No fundo (você inconscientemente) você está com o Mário e eu acho que com razão: um poema é composição; quando não há composição, o que existe é um fragmento lírico. Naturalmente há mais frescura no puro lirismo. Porém maior "gozo da inteligência" na composição. Basta de estéticas.

Na verdade, o interesse maior de Bandeira está nos procedimentos de elaboração da linguagem poética, nas eliminações sistemáticas dos excessos, nas aproximações sucessivas à forma final do poema. Notamos assim a predominância do poema breve,

aparentemente singelo, de caráter muitas vezes prosaico, cuja força sintética tem o poder de singularizar a inspiração poética. No lugar da *expressão imediata da subjetividade, própria da lírica*³³, tem-se o registro epigramático da realidade objetiva, a descrição de um objeto, de uma cena, em linhas despojadas, visando dar substrato a um sentimento, uma idéia. Na economia do poema busca-se a imagem direta, livre, por exemplo, de toda adjetivação que poderia macular, poluir, a força reveladora do concreto. Nessa perspectiva, o poeta passa a ser um caçador de adjetivos e admoesta o amigo:

Li para o Rodrigo (no fim entrou na sala o Sérgio) o seu Noroeste. Lendo-o em voz alta, achei-lhe um defeito de conjunto: achei-o palavroso, adjetival, puxa! Quanto adjetivo dispensável prejudicando a força da concepção e das idéias; e vários lugares comuns nascidos da bica do entusiasmo³⁴. Se eu tivesse com você[...] teria entrado com meu jogo, que como você sabe, consiste no corte.

Fiquei tão impressionado que em casa reli-o com os olhos para ver que impressão recebia. Tive boa impressão. O poema conta bem a avançada sobre o Noroeste, o orgulho expansionista, paulista, etc. Só lendo alto é que tanto adjetivo dá na vista. Lendo-o para o Rodrigo e vendo que quase todo substantivo tinha um adjetivo junto, fui ficando vexado; com vontade de pular o adjetivo.

E, sugerindo uma imagem concreta, a seu feito:

Pena que você não falasse do massapê que caracteriza o Noroeste. Em vez de dizer com essa terra amarela coberta de lavouras podia por com esse massapê amarelo³⁵.

Um outro episódio, em que Bandeira ignora uma sugestão de Ribeiro Couto, ilustra, pelo menos aos nossos olhos de leitores no futuro, a habilidade criteriosa do poeta ao selecionar os elementos que compõem um poema. Em 21 de setembro de 1925, Ribeiro Couto escreve de Pouso Alto os seguintes comentários:

O "Anjo da Guarda" tem um verso que quebra o poema: "Devia ter sido assim". Aquele verso – releia, serenamente [...] Nem compreendendo como lhe acudiu! Não junta nada de notável ao sentido; e cai. O poema cai ali.

Tratava-se, no caso, de *O Anjo da Guarda*, escrito em memória à Maria Cândida de Souza Bandeira, irmã de Manuel Bandeira³⁶:

O Anjo da Guarda

Quando minha irmã morreu,
(Devia ter sido assim)
Um anjo moreno, violento e bom,
– brasileiro
Veio ficar ao pé de mim.
O meu anjo da guarda sorriu
E voltou para junto do Senhor.

A observação é irritada, impaciente. A recomendação é enfática. E no entanto, a *quebra* introduzida pelo verso – uma sentença (reforçada

pela presença de um parêntese) no pretérito imperfeito, em meio a uma narrativa toda ela no pretérito perfeito, vem a trazer um elemento de complexidade ao poema. Sem aquele verso, ele seria uma manifestação da resignação triste, tingida pelo humor melancólico de um irmão diante da morte da irmã. E não seria mau. Com ele, que traz uma conotação inconclusiva, uma nota de meditação e de irresignação, fica incluído, sem prejuízo dos outros significados, a idéia da perplexidade e de insubmissão do poeta face à morte.

O amor do detalhe, o olho para a pequenez que transforma o sentido e empresta gozo e importância à "coisa sem importância mesmo" é uma das marcas da poesia de Bandeira. Encanta-lhe surpreender e ser surpreendido nesses achados. Por exemplo, ao saber por Mário de Andrade que um maneirismo que lhe havia passado despercebido tem um valor particularmente expressivo:

Comoveu-me a observação dos diminutivos. Depois que adoeci tudo que era meu ou para mim levava diminutivo da minha mãe: o leitinho de Nenê (era assim que me chamava), o copinho de Nenê, etc. Como vê, está no sangue. Concordo[...] com você, que a minha imaginação é fraca e convencional em concepção. Valho mais pela expressão³⁷.

Bandeira refere-se aqui a uma observação de Mário de Andrade em um artigo que acabava de ser publicado na seção crônicas da *Revista do Brasil* (nº 107)³⁸:

E aparece um defeito saboroso do Ritmo dissoluto: a mania de diminuir tudo, carinhoso, por sossegado amor. Com certeza ele não reparou que exprime por diminutivos tudo que ama.

Não é improvável que esta associação entre afeto e os diminutivos – como uma sua forma de expressão espontânea – tenha provocado o poeta que passa a usá-la de maneira consciente e irônica, quando se dirige a alguém que lhe era tão próximo – e assim permaneceu até o fim da vida – como Ribeiro Couto. Em várias das suas cartas ao amigo, ele passa a distribuir diminutivos, em tom de blague naturalmente, escrevendo frases inteiras em que utilizava uma corruptela do sufixo *inho, im*, formador de diminutivos, muito utilizada em certas regiões. Durante o ano de 1926, o procedimento repete-se algumas vezes.

Em uma carta do 24, ou do 25, de fevereiro:

Recebi cartim mas vou abandonar liguazim pra falar seriozin;

Em uma outra, do 8 de junho:

O medim de Manuelzin morrerzin perturbou Ruizin, nao ezin?.. Dodo tambem tem medim que Manuezin morrazin. Ruizin e Dodozin gosta mesmozin de Manuelzin. E Manuelzin gostazin ser gostadin assinzin. vão jornais;

E nessa última, sem data, do mesmo ano:

Coutin,

Ai vão as provins. Aconselhín no fim do poemín (do meu poemín)

"Diálogo sobre a felicidade"

Eu também quero ser feliz, estrangeiro:

Quando eu recito assinzin daquela maneira maravilhosa

Corrige e manda o mais depressa possível. Já comprei os sapatins de Meninin vou agora comprá as meins. Sapatinhos é Elegantim, mesmo.

Manuelzin.

A imensa corrente de correspondência entre os modernistas, – por onde circulam idéias, sugestões, boatos, fazem-se e desfazem-se influências, chocam-se os temperamentos, e consolidam-se as cumplicidades – constitui uma mina para o crítico; e uma festa para os olhos do *voyeur* literário.

Abstract

This author is the editor of a volume of the correspondence between Manuel Bandeira and Ribeiro Couto in the nineteen twenties. These letters are of interest not only with respect to the intellectual standing of the two writers, but also because, among other things, they constitute a precious record of Brazilian modernism. This period witnessed the take off and consolidation of Ribeiro Couto's literary career as well as the emergence and publication of Manuel Bandeira's two most outstanding volumes of poetry.

The letters of these writers are part of that collection of documents, supplementary to the main body of the complete works, that can serve as true sources for analyzing the creative process itself and the intricacies of the literary craft. They are integral to an archaeology that seeks to reconstitute the very process of creation; that aims to "bring to life," so to say, in its immediacy, in its fullness, the gropings, distractions and stumblings, the uncertainty of the creative act as such. Going through the set of 188 letters written by the two poets and friends, the article tries to identify some of the motivations and of the concrete intellectual concerns of the correspondents, both as artists and as personalities of the literary scene of their time.

Keywords: Manuel Bandeira, Ribeiro Couto, correspondence, modernism.

Notas

¹ A expressão é de Valéry (*Introduction à la méthode de Leonardo da Vinci*) e encontra-se em Benedito Nunes. *João Cabral de Melo Neto. Poetas modernos do Brasil I*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1971. p. 42.

² Em um pequeno texto, "À margem da carta" (em Walnice Nogueira Galvão. *Desconversa [ensaios críticos]*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998. p. 156), Walnice Nogueira Galvão diz que

podemos ter nas cartas: 1) Elementos preciosos para a reconstituição de percursos da vida; 2) Fontes de idéias e de teorias não comprometidas pela forma estética; 3) Em certos casos ainda, como os de Madame de Sévigné e de Sórora Mariana Alcoforado, um estatuto exclusivo devido à qualidade impecável da escrita.

Tais são os pesos que as cartas podem assumir dentro dos estudos literários. Acrescente-se que quem se dedica a esses estudos acaba por tornar-se aficionado de tudo quanto seja não só carta, mas também memórias, diários íntimos, resenhas, rascunhos, biografias, listas de palavras, anotações, manuscritos em geral. Em suma, por qualquer material paralelo à obra literária. O surgimento da genética textual nos anos 80 tem muito a ver com este tipo de impulso, exasperado pela ameaça de obliteração de versões e variantes trazidas pelo uso do computador. Sem esquecer a chamada "cultura do Eu", típica deste fim-de-século lão narcisista, em que a edição de epistolografia se acopla a uma produção autobiográfica sem paralelos em épocas anteriores.

³ *Ibid.* p. 157.

⁴ In: BANDEIRA, Manuel. *Poesia Completa e Prosa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1996.

⁵ *Ibid.*, p. 60.

⁶ *Ibid.*, p. 61.

⁷ *Ibid.*, p. 62. Em uma carta a Mário de Andrade, de 23 de maio de 1924, Bandeira dá o mesmo testemunho:

O Couto vivia falando no Oswald, em Anita, em Brecheret. Companheiro dele era o Di. Mas este não tinha a irradiação generosa do Couto. Eu era modernizante sem saber. Foi o Couto que me revelou os italianos e os franceses mais novos, Cendrars e outros.

In: *Correspondência. Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. Marco Antônio de MORAES, org. São Paulo, Edusp/IEB, 2000. p.124.

⁸ Ribeiro Couto assim descreve o seu primeiro encontro com Bandeira, no final de 1918:

De Manuel Bandeira eu conhecia só, ao chegar ao Rio em abril de 1918, a pequenina maravilha que é a poesia Cartas de meu avô [Cf. Cinzas das horas, 1917][...] O secretário de redação da A Época, onde eu trabalhava, Afonso Lopes de Almeida disse-me que "ia me fazer um presente". Esse presente era levar-me à casa de um poeta enfermo chamado Manuel Bandeira [...] Primeira visita a Bandeira, no Leme, na rua Goulart [atualmente, Prado Jr.], em dezembro de 1918! Ainda sinto o alvoroço secreto com que me vi diante daquele rapaz anguloso e o espanto que me causaram os seus acesos de riso jovial, entremeados de acessos de tosse!

(Cf. COUTO, Rui Ribeiro: "De menino doente a rei de Pasárgada", In: *Homenagem a Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro, separata, s.ed., 1937. pp.6-8).

⁹ Cf. BEZERRA, Elvia. *A Trinca do Curvelo*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995. p.115.

¹⁰ cujo título – *Pouso Alto*, nome de uma cidade mineira onde viveu Couto – é glosado por Bandeira em uma das cartas [25/9/1925]:

Couto: Pouso Alto é um nome estupendo. Parece nome de vinho de águia. Pouso Alto. Absolutamente sereno. É um programa. Não vale a pena escrever - nem pensar - em Graça Aranha, Ronald [de Carvalho], Guilherme [de Almeida] e outros opilados da baixada.

¹¹ Ele [Manuel Bandeira] passaria logo para a rua do Triunfo em Paula Matos. Nesta última receberia o golpe maior, a perda do pai. Veio então para perto de mim, três casas adiante, na rua do Curvelo [atualmente, rua Dias de Barros]. Nossa convivência tornou-se quotidiana. (Cf. Ribeiro Couto, Rui: "De menino doente a rei de Pasárgada", In: *Homenagem a Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro, separata, s.ed., 1937. pp.6-8).

Manuel Bandeira morava no número 37, como registra logo abaixo da assinatura da sua carta. Na verdade, trata-se de um bilhete que o poeta vai depositar no jornal *Gazeta de Notícias*, onde Ribeiro Couto trabalhava como repórter, depois de ter feito uma peregrinação em busca do amigo que provavelmente lhe havia enviado um exemplar da revista *Selecta*, de 1 de novembro de 1919, (editada pela revista *Fon-Fon*) que trazia o poema "Variações magoadas de um poeta ao luar". O poema foi incluído mais tarde no livro *Poemetos de ternura e de melancolia* (1919-1922), segunda coletânea de poemas do poeta (Cf. Ribeiro Couto, Rui. *Poesias reunidas*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1960, p. 73). Ei-lo na íntegra:

Rio de Janeiro, [novembro de 1919]

Meu caro poeta.

Li hoje na *Selecta* as "Variações Magoadas" (sic) e resolvi logo procurá-lo para lhe dar um abraço de agradecimento pela esplêndida e generosa dádiva.

Fui ao Curvelo :

– "Mudou-se para a R. Silva Manuel", disse a portuguesita. Degringolo o casse-cou

de Silva Manuel a pé, e lá, no 64, me informam que o poeta do "Noturno" não morava mais lá... e que já se mudara da nova residência para destino ignorado.

Vim aqui para a Gazeta. Nada! É impossível (e insensato seria insistir) apanhar Ariel.

Portanto aqui fica um abraço e as saudades do

Manuel Bandeira

Triunfo 37

A rua Silva Manuel fica também em Santa Teresa. Mais tarde, em um dos seus contos, Ribeiro Couto escreveria:

Tia Clarice viera surpreender-me naquele tranqüilo apartamento em que eu residia, num segundo andar da rua Silva Manuel (que saudades da rua Silva Manuel!) e onde, há um mês, eu preparava afobadamente o meu terceiro concurso para secretário de legação.

[*"Tia Clarice". In: Clube das esposas enganadas, 1933.*]

¹² In: BANDEIRA, Manuel. *Poesia Completa e Prosa*, op. cit. p. 60.

¹³ É o caso, por exemplo, de ARRIGUCCI JR, Davi. *Humildade, paixão e morte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

¹⁴ In: BANDEIRA, Manuel. *Poesia Completa e Prosa*, op. cit. p. 60.

¹⁵ Publicado com o nome de *Livro do Nordeste*, a 7 de novembro de 1925.

¹⁶ Ana Pereira, esposa de Ribeiro Couto, que a chamava de "Menina". O poeta a conheceu em São Bento de Sapucaí — provavelmente em 1923 — e casa-se com ela em janeiro de 1925.

¹⁷ ARRIGUCCI JR, Davi. *Humildade, paixão e morte*, op. cit. p. 140.

¹⁸ Idem. p. 141.

¹⁹ Arrigucci fala de sacralização do instante, de manifestação epifânica. Op. cit., p. 131.

²⁰ Idem. p. 64.

²¹ Gilberto Freyre.

²² Uma curiosidade: note-se a semelhança de *Apresentação*, com *Política Literária*, de Carlos Drummond de Andrade, publicado em *Alguma Poesia – Poemas* (Belo Horizonte, Edições Pindorama, 1930):

O poeta municipal
discute com o poeta estadual
qual deles é capaz de bater o poeta federal.

*Enquanto isso o poeta federal
tira ouro do nariz.*

Política Literária é oferecido a Manuel Bandeira

²³ Jornalista, romancista e poeta [Curral del Rei, hoje Belo Horizonte, 26 de setembro de 1897 – 17 de setembro de 1951.]

²⁴ Antero de Quental.

²⁵ Jornalista, cronista, boêmio muito conhecido no Rio de Janeiro. Bandeira o havia conhecido nas noites da Lapa. [Rio de Janeiro, 28 de maio de 1885 – Paris, 21 de agosto de 1929.]

²⁶ Episódio do romance *A relíquia* de Eça de Queirós.

²⁷ Carta de Mário de Andrade a Manuel Bandeira, 31 de maio de 1925. In: *Correspondência. Mário de Andrade & Manuel Bandeira*, op. cit., p. 212. Ou ainda, nessa carta de 3 de maio de 1926:

Hoje na Sinfônica encontrei o Ribeiro Couto... coisa de uns cinco minutos juntos. Pois ele achou tempo dentro disso para me dar um momento de fel... Entre as ironias as levandades e as amáveis perfidias do Couto eu afinal saí da frisa apenas com uma inquietação dolorosa. O ressaibo perseverou até agora, é natural. Por isso escrevo. Ibid., p. 290.

²⁸ Citada por CASTAÑON GUIMARÃES, Júlio. *Correspondência no Modernismo Brasileiro*. Manuscrito.

²⁹ Cf: "Carta aberta pra João Alphonsus". Na edição de 17/11/26 do Diário de Minas. In: *A Lição do Amigo. Cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1982. p. 298.

³⁰ Veja-se o mesmo ímpeto nessa carta de Mário a Bandeira de 22 de julho de 1926 em que Mário de Andrade amalgama Jaime Ovalle e Ribeiro Couto:

Saído duma fase simbolista que produziu nele uma impressão indelével ele [Ovalle] caiu num haicaismo do banal sutil e foi exagerando esse haicaismo essa banalidade e essa sutileza a tal ponto que está nesse destre de fazer poeminhas pequeninhos onde tudo o que não é banal fica por dentro e só o BANAL é que está dito. Isso é um perigo Manu, um perigo em que Ribeiro Couto muitas vezes caiu. Perigo porque afinal de contas o que fica escrito o que fica objetivado mesmo é só banal e não tem valor nenhum. Carece a gente raciocinar com coragem e decidir que diante da frase mais banal do homem mais banal com um pouco de imaginação a gente cria o mais perfeito dos poemas. Porém esse poema é interior e na frase mesmo ele não está. Ora embora a poesia tenha o seu valor subjetivo como sugestão a virtude está na poesia e não nos poetas que a lêem.. Ibid., p. 299.

³¹ 29 de agosto 1926.

³² 22 de outubro 1926.

³³ Cf. ARRIGUCCI JR., Davi. *O Cacto e as Ruínas*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2000. p. 37.

³⁴ O poema começa com um clichê: *Sob o pálido azul do céu ainda estrelado/ Um vago tom de rosa, de gosto dúbio e contém inúmeras expressões adjetivadas: A intuição deleitosa da epopéia rural... A interativa composição de um poema espontâneo e o medonho cafezais redentores.*

³⁵ Carta de 27 de outubro de 1927.

³⁶ Falecida em 1918.

³⁷ Carta de 27 de dezembro de 1924. In: *Correspondência. Mário de Andrade & Manuel Bandeira*, op.cit., p. 166.

³⁸ Com o título de *Manuel Bandeira*. In: *Correspondência. Mário de Andrade & Manuel Bandeira*, op.cit., p. 167.